

ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



ASSIGNATURAS: CÓRTE.

ANNO	85000
SEMESTRE	48000
TRIMESTRE	28500

PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUTTMARAES

ASSIGNATURAS: PROVINCIAIS.

ANNO	95000
SEMESTRE	58000
TRIMESTRE	33000

Publica-se todos os domingos. Recibe assignaturas nessa typographia — Rua dos Luteiros N. 21 — e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadaria n. 52. Envie todo o qualquer artigo literario para ser publicado, uma vez aprovado pela redacção.

ARCHIVO LITTERARIO

no 27 de SETEMBRO DE 1863.

Henrique Dias.

Começou o exercicio das armas nas guerras de Pernambuco contra os hollandezes, no tempo de Mathias de Albuquerque: então governador dessa província.

Henrique Dias era negro por nascimento, porém um negro digno de ocupar-nos dele, assim como foi digno de ser registrado em uma pagina da nossa historia. Intrepido e doctado de corajoso animo, era capitão de uma companhia de valentes homens de sua cor, aos quaes, exercitava com seu valor, e ensinava com seu exemplo. Esse punhado de homens, commandados por esse distinto e audaz guerreiro, obrou prodigios de valor. Henrique. Dias assaltou muitas praças, rendeu muitas fortalezas, entre elles de grande consideração: se o combate se tornava inevitável elle atirava com seu bastão dentro da praça ou fortaleza, e depois dizia aos seus — ou havemos de morrer juntos, ou resgatar aquella reliquia que me confiarão; no combate era o primeiro a arriscar a vida, encarando a morte com firmeza.

Em uma das acções que militou, uma bala lhe varou a mão esquerda: disserão-lhe que a cura não podia ser rapida como elle desejava, ao que o corajoso soldado revestido da animosidade de que era doctado, acrescentou: cortaia, e ainda agradeço a Deos por me deixar a direita,

que é sufficiente para matar hollandezes em serviço do meu rei, destruindo assim os tyraunos da minha pátria. Para os fins da guerra esse homem, era tão temido pelos hollandezes, que o reputavão invencível. A liberdade daquella província incontestavelmente foi em grande parte devido ao corajoso Henrique Dias, a quem D. João IV, admirando os seus valorosos feitos, fez mercê do habito de Christo. Este o agradece e prometendo não o pôr no peito senão depois de expulsos os hollandezes, o que fielmente cumpriu. Morreu a 31 de agosto de 1661.

A pedido de um nosso assignante publicamos o seguinte discurso:

Duas palavras

proferidas por occasião da missa do setimo dia, que por alma do exímio artista brasileiro, o commendador João Caetano dos Santos, teve lugar na freguezia do Santissimo Sacramento, no dia 31 de Agosto de 1863.

Vida o que és tu, que tão depressa
Desapareces, qual fumo ao leve sopro?...
(Do Autor.)

Não é sómente a perda dos grandes da terra, dos potentados, dos milionarios e dos heróes que deve ser pranteada; não, senhores, a do homem pobre, porém honrado, a do excellente pai de familia, a do exemplar artista, cujo rapido viver assinalará uma nova época nos annaes da scena brasileira, deve, não só ser pranteada, como ainda carpida eternamente;

assim pois, diremos apenas duas palavras, despidas de atavios, puras e simples, que só sirvão para comprovar a veracidade de nossas assertões.

A terra, essa tragédia de tantas virtudes e riquezas, acaba de receber em seu seio um tesouro do mais subido valor... talvez superior a todos esses que ella silenciosa abrange em suas entradas!... Uma irreparável perda terá pouco lugar: a pátria perdeu um prestante cidadão, a família um desvallado e carinhoso chefe, e a arte dramatica uma de suas maiores glórias; já vêdes, senhores, que é do exímio artista brasileiro, o commendador João Caetano dos Santos, de quem vamos falar?...

E, pois, por elle que o levita do Senhor acaba de celebrar o santo sacrificio da missa; é finalmente por elle (fatal realidade) que tantos e tão consternados amigos, que um sem numero de seus admiradores acompanhão a sua angustiada família neste solemne momento.

Esposo fiel e dedicado, pai estremoso, amigo sincero, João Caetano dos Santos era ainda o incansavel protector dos desvalidos; e se não que o digão a desamparada viúva, a desprotegida orphã e tantos outros desfavorecidos da fortuna, com os quaes repartia o humanitario artista o obulio da caridade; essas instituições pias, essas immensas associações benficiantes, quanto, quanto lhes não devem?... A todas soccorria, para todas era elle um protector!... Mas, para que recordar agora, o que é por demais sabido?... Immediata, por tanto, o simples e obscuro artista, quando outras mais eloquentes vozes, outras intelligencias capazes de

suplantar a radez do ser amesquinhado pensamento o tem precedido.

Como artista que somos, senhores; como brasileiro, nossa alma se estasiava, nosso entusiasmo tomava largos vôos, quando, sob o palco scénico, contemplavamos esse segundo Talma, esse artista (cremos poder afirmar) que imperou sem rival!... Oh! como a natureza o dotou com mão prodiga!... Era uma maravilha do seculo em que vivemos.... um colosso... finalmente caiu, e em sua queda deixou como que abalado e prestes a desmoronar o grande edifício, onde por tantas vezes recebera elle bem justos e merecidos aplausos.

Só a Portugal foi dada a gloria; só esta nação pode admirar o artista brasileiro; e, só ella, sómente ella, reconhecendo o seu merito artístico, e não olvidando os immensos serviços prestados por elle as diversas associações dessa nobre nação irmã e amiga, tão bem o galardou, dando-lhe uma tão honrosa distinção!... Honra, poisa Portugal.

João Caetano dos Santos deixou de existir, é certo, permanecerá, porém, a memoria de seu nome, como um padrão de eterna gloria, que será apontado pelas gerações vindouras como uma celebridade do seculo desenho!!!...

E vos, oh! incomparável artista, na sereste mansão, onde repousas, implorai ao Ente Supremo por vossa inconsolável familia, e aceitai essas toscas expressões, repassadas de dor, como um pequeno tributo de homenagem rendido aos manes de um grande genio, que o Brasil, quando tiver de entrar no mappa das grandes nações, mencionará em seus faustos, deporando a sua perla!!!...

Temos concluido

F. J. ANTONES.

LITTERATURA

Os Velhos Retratos.

(Continuação do n. 4.)

Vi uma dezia de personagens grupados na proximidade do leito. Todos traziam trajes antigos e diferentes, nos quais reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guardeciam o quarto de dor-

mir. Procurei os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros ali se conservavam suspensos! O que via pois junto de mim era os antigos retratos da familia, aos quais um milagre acabava de dar a vida!

A sua frente apparecia porém um velho, que não tinha notado na colleção. As minhas vistas se fixaram no desconhecido, com uma curiosidade particular que elle pareceu comprehender.

— Debalde procurarias a minha imagem entre esses retratos, me disse elle: no meu tempo nem um pincel se daria ao trabalho de reproduzir as feições de um escravo como eu! mas comprehendi as misérias da minha condição, e, à força de trabalho, consegui comprar a minha alforria. Foi então, gracas a ella, que um dos meus descendentes que aqui vés, pôde instruir-se e fazer-se eclesiastico.

Aquelle que tinha sido designado, avançou então.

— Os pobres e os oprimidos tinham necessidade de apoio, disse elle mansamente; sustentado pelo nome de Christo, tratei de lhe prestar: ajudei a instruir o povo, a fazer-lhe amar o bem, a fortificá-lo pela probidade, a esperança, a paciencia, em quanto a nossa familia se elevava lentamente à minha sombra, e a tomava posto entre os honrados commerciantes da província.

Um terceiro interlocutor ergueu então a voz.

— Este posto transmitido por nossos pais, tratei de engrandecer, disse elle com certo ar de importância; nomeado syndico da minha corporação, obteve para ella novas imunidades; reunimos para defender o fruto do trabalho contra a violencia, e fui um dos fundadores dessa corporação de cidadãos, que assessorou os interesses geraes debaixo do nome de *communs*.

— E eu, disse o que se achava mais proximo ao antecedente interlocutor, e que pela toga e semelhante austero podia reconhecer-se por magistrado, contribui para que a lei prevalecesse sobre o capricho, e a igualdade sobre o favor. Os mais poderosos tiveram que submeter-se à decisão de juizes desarmados: a força curvou-se perante o direito.

— Não faltando em que ella se declarou sua auxiliar! acrescentou um official, cuja tez se achava crestada pelo sol; os descendentes do escravo de outrora acabaram por cingir a espada, e tornaram-se os defensores da patria e da lei! Desde que uma e outra pertenceram à nação inteira, esta derramou o seu sangue para as defender; tornando-nos soldados, todos nós passámos à classe dos nobres!

(Continua.)

VARIÉDADE

As tres irmãs do poeta.

Em noite tempestuosa caiu a chuva em torrentes de envolta com a neve, o vento sibila no arvoredo vizinho, e o mar encapsulado rebenta com fragor na dura penedia. E' n'uma destas noites em que o céo é tenebroso e em que as estrellas brilham como a melo, que atravez da tempestade desceem da nevada serra, sem ser presenciadas tres pulidas virgens, e sorriendo vão dar um osceno na fronte pensativa do poeta.

Salve! Irmão son o esquecimento! Sou eu que tenho conservado na obscuridade o teu nome. Teu nome que as turbas hão repeliido, e que eu tenho envolvido nas minhas alvas vestes... Que farás pobre e sósimo na terra? — Arrostarei diz o poeta.

Salve! Irmão, son a forse, que devoro sem cessar o teu pão amassado com o suor do teu rosto, hoje, amanhã, cada noite, na soleira da tua porta vicei sentar-me — resignar-mehei, diz o poeta.

Salve! Irmão, sou a morte! do teu aiaide quebra a harmonia. Tens sofrido muito... Penso termo a teus males! pensa no sepulcro, não sentes tocar-te o meu gelido dedo e esfriar-te o estro

Gloria in excelsis diz o poeta, von entoar um hymno na presença de Deus!...

José Antônio FERNANDES DA FOZ.

POESIAS

NO ALBUM DE MEU AMIGO ARLINDO DE FREITAS.

I.

Poderei caro Arlindo,
Merecer-te por compaixão?
Este meu peito t'abindo,
De teu nobre coração:
Arrancar terno gemido?
Um suspiro compungido,
Não m'o negues por favor:
Que nesta mente abraçada,
Ao sofrimento vergada,
Já não ha cantos d'amor.

II.

Desculpa terno Arlindo
Desta fraqueza arrostar:
Mas não quizera mentir-te,
Alegre rosto mostrar:
Dizer fingindo sorriso,
Que a terra é paraíso,
Mostrando contentamento;
Essa suposta alegria,
Meu peito a desmentir,
Ocultando o sofrimento.

III.

Mas tu amigo Arlindo,
Não rias do meu penar;
Alegre sempre surrindo,
Tens quem te saiba adorar:
Deus me fez talvez poeta,
Porém a sorte discreta,
Aponhou-me tantos males,
Mostrou-me tanta amargura
Que só vi por desventura
Pesada cruz e o calix.

IV.

Já tu vês o meu Arliado,
Qual é agora o meu penar!...
Amargo pranto carpindo,
Sem alegria alcançar:
No peito luctas immensas,
Derão sim a minhas crenças,
Ao estro e inspiração;
E por palmas que almejai
Só vi louros que sonhei,
Disperços murchos, no chão!...

V.

Não tens que temer Arlindo,
Como este, o mesmo mal;
Na senda que vais abrindo,
Deixas teu nome imortal!...
Trovador, Dens te fadou,
A tua mente inspirou,
Fez-te poeta e cantor:
Minha alma s'extasia,
Ao sacro dom d'harmonia,
Que cantas com tanto ardor.

VI.

Tens cantos s'erguem Arlindo,
Mais dia e dia afamados!...
Quando os meus se vão sumindo,
Até ficarem consumados:
Já cantei!... já tive amor...
Estes mesmos por favor,
Compaixão ou amizade;
A ninguém deves mostrar,
Qu'eid' em troca te offertar,
Uma roxa—Saudade.

ARNALDO MOLABINHO.

Ao seu tormento.

Perdeste a infancia e com ella a crença,
Só a descrença tu sentes n'alma?
Junto à meu peito acharás as flores,
A's tuas dôres eu darei-te calma.

As tristes magoas que teu peito encerra
Não teus na terra quem te emite oh! flor
Perdeste a gloria sem achar a palma,
Ao peito calma no viver do horror.

Ao sofrimento que teu peito sente,
Sempre virentes acharás as flores,
Mas busca um peito que te adore anjo,
Terás Archanjo, linitivo às dôres.

Sentes perdida a união querida,
Sem ter na vida quem te dê perdão?
Busca a meu lado, acharás conforto
Ameno porto sem te dar traição.

O proprio Deos não perdão, fada?
Quem pôde amada o perdão negar,
Negro futuro amarguradas fezes,
Não pôde ás vezes o infeliz salvar?

Quando estenderes a mirrada mão
Pedindo um pão na pobreza esteja,
Ah! é preciso que o sofrer fatal
Nos tenha igual ou eu morto seja.

Roxa grinalda te offertarei na lousa
Ondo repousa de meu sonho a flor,
As minhas preces no lamentar sentido
E o gemido de meu triste amor.

J. B. G. PITTA.

Motte.

Não torno a querer mais grélos
Do nabal do Ser'abade.

GLOSA.

Pôde em todo o passal têlos,
E só estes p'ra tragá,
Que livre eu desejo penar,
Não torno a querer mais grélos.
A querer nem mais só vél-los,
Pretexto à sé da verdade,
Que a peior malignidade
Venha enfim de mim dar cabo,
Se eu provar o melhor nabo
Do nabal do Ser'abade.

JOSÉ RIBEIRO DE SÁ.

Soneto

A redacção do ARCHIVO LITTERARIO, e em res-
posta ao JORNAL DO COMMERCIO do dia 30 de
Agosto de 1863.

I rossira secca está é bem verdade:
Mas ainda os espinhos conservava...
Na palestra té ferirão? bem lembrada!...
Pois souberão escrever com igualdade.

Não poupando de vós falsa amizade,
Lhe chamasteis de cara mascarada?...
Mais valia a pena ter quebrada
Que a vós elogiar com falsidade.

Como eu, muitos gostão da *palestra*,
E vós que nella fosteis enfardados;
Dizeis que o *Archivo* já não presta?

E redactores do inferno são mandados
Eu digo que vós tendes T na testa,
Ou sois burros em homens disfarçados.

G. MARTINS.

PALESTRA

Como estaes, primo Jorge ? ha dous dias que não tenho o prazer de te encontrar.

E' por que não queres, pois sabes aonde é a minha casa.

Dar-se-ha o caso que não tenhas sahido ?

E' como dizes, ha dous dias que não sahio á rua

E por que ?

Por que tenho estado encommadado, porém hoje tenciono acompanhar-te ao passeio.

E eu que não vim aqui para outra causa ; mas dize-me, tu assignaste o *Seamanario* ?

Assignei. E' hum jornal de que tenho gostado muito, e ao qual desejo huma prospera carreira.

Ha tantos jornaes a que muitos dão o nome de papeluchos, que são muitas vezes causa da desapparição destes, tirando-lhe as assignaturas que os poderião engrandecer,

Sim, porém a queda de alguns, será certa.

Em quanto ao *Jornal Mercantil*, do *Diario do Rio*, na *Actualidade Nacional*, que andão sempre de mãos dadas, *diariamente*, não ha que dizer. Porém aos outros.... não digo isto por desejar o mal do proximo. Deos me livre ; antes pelo contrario desejaria vêr flôrescer, as bellas letras para recreio meu, e do publico

São como a raça do genero humano ; nascem uns, morrem outros, como já tem acontecido, dos quaes ainda me recordo com *Saudade* que murchárão como um *ramalhete de jardin* ; repára em *Portugal e Brasil*, e encontrarás a mesma sorte do bravo *Luzitano* ; que morreu á força de *Machado* por ser *Mentiroso* : Porém um patriota quiz dar-lhe a *Regeneração*.

que em pouco deu em degeneração. Decididamente foi porque a *Estrella d'Alva* deixou de surgir radiante, ao vêr um *Fogazdo* arvorado em Mestre Escola de palmaria na mão, querendo corrigir a *Corrupção da Epocha*. Porém esta que já era o *Diabo no Rio de Janeiro*, e ferida por este *Espinho*, virou-lhe o bico ao prego e ahi está agora o feitiço, virado contra o feiticeiro ; os que havião de ensinar, vão ser *ensignados*, tudo isto é *Familiar*. Ninguem pôde dizer que sabe muito !!!

E o *Barco dos Trâscantes* ?

Esse não morreu. Se deu á costa o proprietario deitou ao mar um excellente vapor, que denominou *Paquete das Tranquibernias*. Tomando para o commando um *Nauta Destemido*, que tem florescido até hoje, luctando com a tormenta e muitas dificuldades, porém tem prosperado muito, por que é digno da coadjuvação e auxilio do publico, visto o fim a que elle aspira.

Ainda hontem estive em uma reunião, onde vi um elegante moço fazer justiça a uma dama, dizendo-lhe : *assignei hoje o... para ter o prazer de lêr uma sua poesia*.

Lembraste daquillo que lemos de um caixeiro da rua dos Ourives ? Já sei quem é, e como se chama : porque o Pinto mostrou-me elle. Chama-se *Pereira da Cunha* (que pelo nome não perca.) Foi comprar uma folha na redacção do *Archieo Literario*, à rua da Lampadosa n. 52, e já dava 500 rs. por ella, e como a não quizessem vender, assignou o jornal, levando os numeros já publicados : mais tarde declarou que não queria, pois que só teve em *mira* levar os jornaes pelo modico preço de 000\$.

Por esse preço ninguem os compra. E eu por tal preço os não queria, porque isso equivale a uma *ligeireza*.

Tens lido o *Portuguez* ?

Não, porém porque perguntas ?

Queria que lesses um artigo da Sociedade *Luzitania* feito por um sujeito que arvorado em *Tamberlik*, e dando de s uma triste idéa ; empregou tão mal o seu tempo, tendo o *descoco* de render preito, e queimar incenso pôdre a quem o não merece. Seja mais imparcial, Sr. *Tamberlik* : veja que o publico não é tolo e reconhecerá nisso a força do *azeite* que Vme. aconselha para dar na machina, para que não rebente.

Advinhação.

Nós somos muitos irmãos,
Espalhados pelo mundo,
Nem todos temos coroa,
Nem todos mostramos fundo :
Procurão-nos alguns homens
E as mulheres nos procurão,
Qu'em paga d'as ajudarmos,
Nos deixão quando nos furão :
E sem sermos carapuça
Chapéos, causa de enfeitar,
Todos nos põe na cabeça
Porque é lá nosso lugar.

Charada.

Estou em toda qualquer calça 1
Tenho da assucena a cõr
Mandão-me sem ser por favor 1
Em mim vem gente lavar
E correndo vou ter ao mar. 2

CONCEITO

Tres homens em mim morrerão.
Era um hom, antes da morte
Mais outro se arrependeu :
E o ultimo, igual seffreu
Com, os bons a mesma sorte.

A. M.

Rectificação.

A poesia— O Passado e o Presente— é o original da Sra. D. Josephina R. Leite Pitanga.

Typ. Economica, rua dos Latoeiros n. 34.

Enigma.

